

O PAPEL DO EDUCADOR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA REGULAR

Angelina da Silva Pires 1

INTRODUÇÃO

O Autismo é uma síndrome presente desde o nascimento que se caracteriza por respostas atípicas a aspectos ambientais (como, por exemplo, estímulos auditivos ou visuais), problemas quanto à utilização da linguagem e pela falta de responsividade a outras pessoas. Essa síndrome engloba, entretanto, um espectro de transtornos que podem se manifestar com diferentes intensidades em cada indivíduo. Tendo em vista a abrangência de classificações do Transtorno do Espectro Autista, bem como as suas particularidades, para que ocorra a inclusão na escola regular torna-se necessário um atendimento educacional que respeite o perfil individual das crianças autistas, desenvolvendo, assim, um aprendizado satisfatório que possibilite integrá-las socialmente de forma efetiva.

OBJETIVO

O presente trabalho teve como objetivo repensar as intervenções educacionais visando a abrangência de classificações e particularidades do Transtorno do Espectro Autista, considerando o sistema de educação inclusiva e o papel do educador no processo de inclusão.

METODOLOGIA

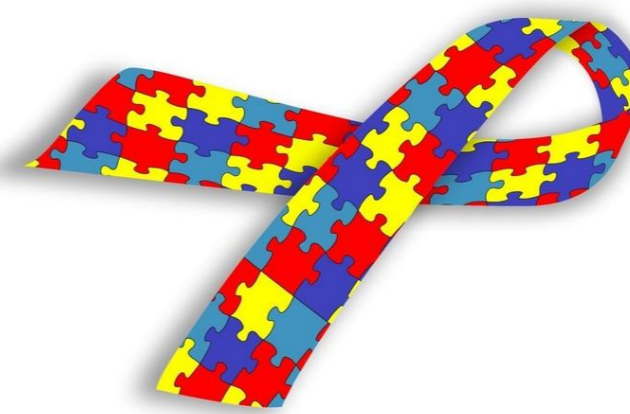
Para cumprir com essa proposta, foi realizada uma revisão de literatura empregando os referenciais teóricos do médico austríaco Leo Kanner, que descreveu o Autismo pela primeira vez em 1943, dialogando com autores mais recentes da área para relacionar as variações do Transtorno com as questões acerca da educação inclusiva e buscando, sob a ótica da Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers, a possibilidade de realizar uma aprendizagem significativa que respeite o perfil individual das crianças autistas.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com a pesquisa realizada, constatou-se a importância de que as intervenções educacionais sejam desenvolvidas de forma individualizada, tendo em vista que o rótulo de autismo por si só não é prescritivo, não indica como a intervenção deve ser fornecida. Muitos educadores ainda encontram dificuldades no processo de inclusão, seja pela incompreensão da linguagem e dos comportamentos dos autistas, pelas dúvidas relacionadas às práticas pedagógicas, pela falta de estrutura e recursos para atender adequadamente os alunos especiais ou, principalmente, por uma visão limitada sobre o transtorno. É imprescindível que os educadores mudem a forma de conceber o autismo, aproximando-os da igualdade, desconstruindo a visão de que os indivíduos autistas são “doentes” e incapazes. Para isso, é fundamental que os procedimentos pedagógicos sejam adaptados para atender a um maior número de aptidões, buscando desenvolver o potencial desses alunos, mas respeitando as suas diferenças e, assim, fazer dessas um meio de transformação.

De acordo com o psicólogo estadunidense Carl Rogers, a Abordagem Centrada na Pessoa, quando aplicada à relação educativa e pedagógica, resulta em uma aprendizagem significativa que favorece uma possível mudança de comportamento, ou seja, objetiva trabalhar o sujeito considerando o contexto em que se encontra inserido e, assim, desenvolvê-lo. Se o professor for capaz de aceitar o aluno tal como ele é e de compreender os sentimentos que ele manifesta, através dessa aceitação incondicional e compreensão empática tornará possível a inclusão.

Figura 1 – Símbolo mundial do Transtorno do Espectro Autista



Fonte: Câmara Municipal de Porto Alegre
<http://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/projeto-inclui-simbolo-do-autismo-nas-placas-de-atendimento-prioritario>

O educador que consegue estabelecer uma consideração positiva incondicional e entrar em uma relação de empatia, sobretudo com as crianças autistas, acolhendo-as na sua totalidade e respeitando o perfil individual do aluno, terá feito muitíssimo para estabelecer as condições de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, dessa forma, que o papel do educador no processo de inclusão deve ser principalmente o de enxergar as crianças autistas como indivíduos completos e capazes de desenvolver as suas potencialidades, levando em conta as suas características individuais e minimizando o isolamento social, tornando-se, assim, genuinamente um facilitador do processo de inclusão.

1 Graduada em Psicologia. Faculdade Cesusc. E-mail: angelinapires1967@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista, C.R. & Bosa, C. **Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- Belisário Filho, J. F. & Cunha, P. A. **Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Universidade Federal do Ceará, 2010.
- Dota FP, Álvaro DMA. **Ensino inclusivo: aspectos relevantes**. Revista Psicopedagogia. 26 (79): 124-8, 2009.
- Dunlap, Pierce & Kay. **Autism and Autism Spectrum Disorder**. 1999. Consultado em 20/02/2018, em www.eric.ed.gov
- Kanner, L. **Autistic disturbance of affective contact**. Nervous Child, vol. 2, p. 217-250, 1943.
- Rogers, C. **Tornar-se pessoa**. Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1977.